

ENTREVISTA / BRUNO MARIOZZ, PRODUTOR TEATRAL

‘Vejo no teatro a oportunidade de criar diálogos que mudam a relação nas famílias’



Divulgação

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

O curador e produtor Bruno Mariozz está em Portugal, levando o melhor da arte brasileira para o PT-BR – Festival de Teatro Brasil no Chapitô, que acontece, desta sexta-feira (11) a 3 de novembro. São 12 apresentações teatrais (sendo dois espetáculos do Rio de Janeiro com artistas fluminenses como a atriz e cantora deficiente visual Sara Bentes, de Volta Redonda), um espetáculo da Bahia e um espetáculo de brasileiros residentes em Portugal, além da presença de artistas consagrados no teatro e na TV Brasileira como Dja Martins e Luiza Loroza.

O evento é realizado no espaço do Chapitô, no Centro de Lisboa - Portugal, fundado há 43 anos e que funciona com centro cultural e social. Além de Lisboa, Bruno leva também “Mãe Baiana” ao Festival Mindelact que acontece há 25 anos em Cabo Verde, no dia 5 de novembro.

“O Festival Internacional de Teatro Brasil no Chapitô nasceu em novembro de 2023, após a realização em parceria com o Chapitô do monólogo “Mãe de Santo” com a atriz Vilma Melo. A ideia de retomar a internacionalização levando artistas brasileiros para Portugal com uma programação de espetáculos brasileiros e uma comitiva de mais de 10 artistas e técnicos brasileiros”, explica o curador produtor e diretor Bruno Mariozz, que

fala com exclusividade ao Correio sobre a sua trajetória nas artes cênicas.

Como você se iniciou no teatro?

Bruno Mariozz - Sou nascido no Engenho de Dentro, suburbio carioca, e sempre fui apaixonado por Carnaval, meu avô fundador da escola de samba Arranco, fui fazer uma faculdade de Carnaval na Estácio. Fiz um estágio no barracão da Imperatriz Leopoldinense, e lá conheci o Mauro Leite figurinista, que foi assistente da Rosa Magalhães por muitos anos. Ele foi a primeira pessoa que me disse, você tem perfil de produtor. Olhei aquilo e não entendi nada, Venho de família onde meu pai era gerente de comércio e minha mãe funcionária pública nenhum conta-

to com as artes. Quando ele me leva para ser assistente de figurino, é aí me encontro com o teatro e me apaixono por todo aquele processo. Vendo o dia a dia de uma peça, processo de montagem, vejo uma pessoa que transitava por todas...

Como você começou a sua carreira em produção?

Minha trajetória começa em 2014 produzindo teatro para Infância. Quando vejo no teatro a oportunidade de criar diálogos que pudessem mudar a relação nas famílias. Descobri minha afetividade muito cedo, e não tive a oportunidade de dialogar melhor sobre essas questões com a minha família, e depois que conheço o teatro vejo como um canal de oportunidade de abrir várias frentes de diálogos para toda família. Em 2016, crio com a minha grande parceira Duda Maia A Trilogia do Amor - Três Histórias de Amor Para Crianças com os espetáculos “A Gaiola”, “Contos Partidos de Amor” e “Vamos Comprar um Poeta”, grande sucesso de público e crítica onde vencemos grandes prêmios de melhor espetáculo como Zilka Sallaberry, CBTIJ e o grande APCA em São Paulo com o espetáculo “Vamo”.

Que caminhos te levaram a Portugal?

Portugal surge a partir do contato que começo a ter através do Festlip (Festival Internacional das Artes da Língua Portuguesa). No primeiro ano que trabalho no festival, me acontece uma catarse com um dos espetáculos que assisto. No festival a diretora é curadora Tânia escolhia um espetáculo que era assistido por todas as companhias teatrais. Naquele ano foi uma obra de Guiné Bissau, na qual se retratava a realidade de Guiné em que as mulheres quando chegavam aos 18 anos paravam de estudar para servir aos seus maridos. O espetáculo era do grupo CTO – Centro Teatro do Oprimido e ao final quem resolvia a cena era o público. Ali percebo a grande força que o teatro tinha de transformação, comecei a ver atrizes e atores entrando na cena e transformando aquela cena, demonstrando seus olhares e também a realidade de seus países. De lá pra cá, sempre pensei em poder utilizar desta força de uma língua de invasores que tanto nos destruíram, mas o que sobrou e que nós une é ela. Então façamos a utilização do português para transformar o mundo. Então, o Festival Internacional de Teatro Brasil no Chapitô surge na ideia do intercâmbio cultural entre os países lusófonos e também o fortalecimento do mercado das artes cênicas no Brasil e no mundo.